

O Povoador Improvisado... (11)

Repisando na retomada do assunto do propalado papel representado pelo Morgado na "fundação" de Campinas, apresso-me a um esclarecimento, para desarmar os espíritos, atenuando pelo menos a impressão que posso estar deixando de o considerar apenas mais um dos péssimos governadores que tivemos sob o domínio de Portugal. É válida a ressalva, acima de tudo, porque aceito em parte o preceito de Oliveira Martins de que "Na história não há inimigos, há mortos." E, na verdade, apesar das críticas e restrições que venho fazendo à sua administração, às vezes com uma, talvez imperdoável, irreverência, nem por isso lhe posso negar um valor impossível de outorgar-se à maioria dos capitães-generais que, antes ou depois dele, governaram e capitanearam São Paulo. Até porque, num certo sentido, o Morgado estava adiante do seu tempo. Mas, como observou bem Toledo Piza, ele era um visionário, dotado de um lastro cultural cujo excesso teórico, no entanto, distorceu-lhe a perspectiva de estadista, levando-o a inúmeros tropeços no curso do seu governo. Uma administração inaugurada sob o signo de um entusiasmo digno da capitania cuja contribuição à **unidade nacional**, após a afirmação pioneira, foi truncada, antes por edificante mesquinha de um régulo equilibrista — a serviço não se sabe ainda muito bem de quem nem a propósito do que. Refiro-me ao Conde de Bobadela, "inimigo declarado de São Paulo", nos próprios termos do Morgado.

Realmente, o Morgado, nos primeiros meses de governo, mostrou-se tomado de um sincero e recuperador das forças exauridas da capitania, à qual viera para restaurá-las. Tarefa que não seria fácil, pois o território que iria governar como capitão-general, dando-lhe assim qualidade, novamente, de capitania, estivera subalterno à capitania do Rio durante 17 anos, — 15 dos quais já no período pombalino. Existindo apenas como comarca, São Paulo tinha um governador delegado, que era e mesmo da praça de Santos, sob as ordens sempre de um único e "ausente" capitão-general, aquele Conde de Bobadela, que realizou o prodígio de transformar um 3 em 30: é sabido que os governadores pelas Ordenações etc. exerciam o cargo por um tempo de 3 anos, e só ficavam mais sempre que confirmados — e isso sob o mesmo reinado. Pois o Bobadela ficou 30 anos, não apenas num reinado, mas em dois, sem que se saiba de qualquer confirmação. E só saiu quando morreu, em 1763. Bem, o "inimigo de S. Paulo" não é por enquanto matéria para estas crônicas.

O que ainda permanece inexplicável, no episódio da extinção da capitania de São Paulo, é o fato de ter-se efetivado à época em que um paulista, Alexandre de Gusmão, fazia parte do governo português, exercitando múltiplas tarefas, no conselho da coroa. Teria ele contribuído, para esse malefício? Poderia ter feito algo para evitá-lo? Ou, ao contrário, estaria de acordo? Estas e outras per-

guntas pairam no ar, mas se ainda não temos as respostas, a meu ver, o fato não é daqueles inexplicáveis. Permanece apenas **inexplicado**, só isso. Para esse entendimento, basta que consideremos dois fatores ponderáveis, ocorrentes na oportunidade: 1.o — o rei estava à morte, e fazia tempo afastado do governo, já sob a regência da rainha, assistida por seus prediletos (Gusmão era homem do rei); 2.o — Alexandre de Gusmão estava todo empenhado nas questões diplomáticas, do que resultaria, em 1750, o célebre Tratado de Madri, que, entre outras coisas, assegurou ao Brasil quase o mesmo tamanho que ostenta hoje. Todos sabemos que, por aquele tratado, foi revogado o famoso das Tordesilhas, passando a valer a figura jurídica do direito romano do "uti possidetis": — quer dizer, cada parte contratante ficaria na posse das terras etc. que tivesse no ato da assinatura do tratado, e os bandeirantes já haviam avançado por esse mundo afora, como todos sabemos. Não desenvolve a matéria — explicada que pode ser a posição de Gusmão, já também no fim da vida, pois faleceria em 1753, — porque, aqui, refoge ao nosso interesse direto e maior, que é a questão Morgado-Campinas. Mas, de qualquer forma, fica colocada a tese, para ulterior desenvolvimento.

Prosseguindo, e para realçar o interesse do Morgado em cumprir todas as condições de seu posto, e não apenas as relativas à segurança da conquista (que, por certo, mais competia ao vice-rei e à capitania do Rio), e suas implicações, temos a sua particular decisão de proteger as reais divisas da capitania que veio governar, insurgindo-se contra os "avanços" das vizinhas, Rio e Minas, especialmente esta, demonstrando estar perfeitamente senhor dos nossos direitos (ou então muito bem assistido — e realmente o era — pelo genealogista Pedro Taques). Infelizmente, a dano de São Paulo, o Morgado era já um homem algo maduro — sendo-lhe mais fácil teorizar que materializar, mesmo porque não devia ignorar suas limitações e nem as contingências de uma administração subalterna. Homem vivido, aprendeu a deixar como está para ver como fica — principalmente por que tudo isto aqui era conquista de um só senhor — e o que menos se fizesse contra, mais a favor resultaria. Os poucos exemplos de pertinácia confirmam as contradições de sua personalidade. E note-se que abriu mão de zonas de minerais na divisa e concordou com não revogação de ordem para exploração mineira em áreas novas, apesar de diretamente prejudicado, pois perdia suas redíuzimas legítimas constatáveis e reduzia as possibilidades de aumentá-las.

Empolgado, por outro lado, pelo movimento aparatoso das operações bélicas, a que se afeiçoara — característica de nobreza de toda a história de Portugal, com mais destaque na dinastia que estava servindo, inaugurada em 1640 (sob a invocação do Condestabre), na restauração contra a Espanha — e a partir daí uma permanente "amizde

armada entre parentes", repositório, assim, de títulos e honrarias cobiçados — o Morgado deixou de ser governador propriamente, passando a dar aplicação à sua patente, entendendo que ser capitão, antes de mais nada e acima de tudo, era ser "guerreiro". E passou a guerrear o "implacável inimigo" que não tardou a crescer à sua frente, como um fantasma. E a capitania que esperasse — porque assim o determinara e o queria Pombal — caindo-lhe perfeitamente a sopa no mel.

O povoador que poderia, realmente, ter sido e que poderíamos ter tido — a incrementar o crescimento das áreas já desbastadas, concentrando as populações dentro do espírito da **vizinhança** preconizado pelas Ordenações e por D. João III, adaptou-se bem de pronto (não teria sido já de antemão esse mesmo o plano?) a, "**povoador de praças**" — intentando o povoamento em pontos estratégicos ou que assim lhe pareciam — para defender o senhorio do rei e recuperar o que os espanhóis nos haviam tomado. Mas, para recuperar, precisaria estar preparado, aparelhado, municiado, com tropa suficiente, o que só seria possível, como anotei na crônica anterior com suas próprias palavras: após um "indispensável circuito de tempo". E mesmo assim, se Pombal fosse claro em repetir a ordem — porque ele, Morgado, não meteria a mão em combuca. Apesar disso, acreditava que a guerra seria a única solução... se as coisas na Europa não prosperassem:

"Mas, dado o caso em que as negociações que atualmente pendem entre essa Corte e a de Madri se ponham em demora que não tenham devido efeito as ordens que de lá emanarem para serem-nos restituídos os territórios que nos pertencem..."

Contudo, não seria ele o doido a dar o primeiro passo, de "motu proprio":

"... ainda assim... muito dificultoso o resolver-me sobre este ponto sem novas ordens de V. Excia. reconhecendo evidentemente estarem as nossas forças prontas para sermos os primeiros a romper antes de sermos atacados."

Ele, mais do que ninguém, mais do que Pombal, devia saber se estavam ou não "nossas forças prontas". E, por outro lado, por essa resistência pode-se perfeitamente perceber que o Morgado desde o início de seu governo, apesar de experimentado nos campos de luta — por certo por isso o escolhido — opunha uma sutil resistência a um insuflamento que devia estar sendo constante e crescente, que, além dos espanhóis, portava no desafio o dístico "delenda missões". Mas, no fundo, ele era partidário da idéia, embora se possa crer que tenha aos poucos mudado de pensar (embora não pudesse mais fugir ao imperativo). E tal mudança deve ter-se originado de inúmeros fatores. Cujo conhecimento fica para a próxima semana